

## O VELHO E O NOVO

Um carro sofreu um grave acidente nas imediações do Aeroporto de Orly na segunda semana de dezembro de 1989. Após o acidente foram encontrados os corpos do motorista do táxi, que se espatifara num poste de luz, e de seu passageiro, um jovem jornalista brasileiro. O motorista, Benoît Gérard, de quarenta e oito anos de idade, deixou uma viúva e dois filhos homens, de quinze e doze anos, e o passageiro, Jorge Lobo, um jovem de vinte e sete anos, tinha como parentes vivos apenas duas irmãs e um cunhado – que imediatamente trouxeram seu corpo de volta ao Brasil e o enterraram no cemitério São João Batista, em Botafogo. Todos os pertences do jovem também foram enviados ao Brasil, com exceção de uns poucos objetos que a polícia francesa recolheu para investigações.

Um funcionário da embaixada, o secretário Fernando Bosco, foi chamado para examinar uns poucos documentos e auxiliar a polícia a arquivar aquele caso sem grande importância. Bosco foi apresentado ao inspetor Pierre Delon, responsável pelo caso, que lhe falou de alguns rolos de fita cassete que precisavam ser examinados pela polícia – o que levou Bosco a comentar sobre a perda de tempo que a investigação representaria. Delon explicou-lhe que uma fita, sem nada escrito, parecia ser uma espécie de memorial, pois apenas uma voz era ouvida, enquanto duas outras fitas, onde havia escrito “*entrevistas*”, continham conversas.

Logo começaram a ouvir a primeira destas entrevistas, indicada por um algarismo romano. Depois de um início de ruídos pouco claros, percebia-se uma voz jovem - “Presidente, eu estou gravando” – interrompida por uma voz velha e frágil – “Não! Eu não lhe autorizei a gravar nada, desligue isso!”.

“Senhor presidente...”.

“Desligue ou eu não falo nada!... Juliette!”.

“Está bem, senhor”.

“Juliette, s’il vous plaît, aidez-moi!”. Ouviu-se uma breve interrupção, e a gravação logo é retomada pela voz jovem: “Vamos lá, vamos tentar de novo... Córsega, 02 de dezembro de 1989, entrevista com o presidente JK... podemos ir, senhor?”.

Delon percebeu que Bosco intrigou-se profundamente ao ouvir um nome na audição. Perguntou-lhe de que se tratava, mas o brasileiro fez sinal para que se calasse.

“Pois bem, vamos lá... Senhor, há quanto tempo o senhor está refugiado aqui?”.

“Ahn? De quoi parlez-vous, monsieur?”.

“Senhor presidente...”.

“Pois bem, se é isso que quer saber, vim morar nesta ilha em 1976, jovem. E nada mais temos a conversar, está bem?”.

Novamente ouvia-se o som da fita sendo interrompida, mas desta vez, no entanto, a interrupção se devia não à gravação, mas ao inspetor francês, que irritado parou o gravador à espera das respostas de Bosco. O secretário permaneceu em silêncio por alguns instantes, depois pediu a Delon que lhe permitisse levar o material para ser examinado com mais cuidado.

“Nada disso”, foi a resposta, “Este material pertence à polícia francesa e precisa ser examinado por um policial francês”.

“No entanto, *monsieur*, o senhor, um policial francês, só poderá examinar este material com minha ajuda, e eu não conseguirei traduzi-lo senão após uma audição adequada, com um papel onde possa escrever o que é falado”.

“Caro amigo, peço-lhe a sua ajuda. Eu notei que um nome foi citado. Do quem se tratava?”.

“Caro senhor inspetor, trata-se de...”.

“E então?”.

“De uma informação sem sentido”.

“Perdão, meu caro?”.

Bosco sugeriu que pegassem café e dedicassem atenção, de início, às anotações no caderno, que talvez lhes permitissem compreender melhor o contexto e os personagens das gravações e do acidente automobilístico. Delon aceitou a proposta e, enquanto pegavam copos de café, voltou a perguntar sobre o nome citado na fita.

“Caro senhor, estou aqui para colaborar com o senhor... No entanto, minha posição não permite a criação de suposições absurdas. Prefiro examinar com atenção antes o material que temos”.

“Mas, meu caro amigo, esta é uma investigação. Eu preciso conhecer todas as hipóteses, por mais absurdas que sejam. Não conhece você a frase de Sherlock Holmes sobre certas hipóteses verdadeiras, por mais absurdas que pareçam?”.

“Entendo, mas acredito que antes devemos saber melhor do que se trata”.

“Em nome da polícia francesa, peço-lhe que me revele o nome que escutou na fita”.

“Eram duas letras, caro senhor, que identificavam um ex-presidente brasileiro. Digo identificavam porque ele morreu já há muitos anos”.

“Quantos anos atrás?”.

“Cerca de dez anos atrás. Certamente bem antes de inventarem estas pequenas fitas de som”.

Armados com seus copos cheios de café, os dois voltaram à sala e lá Bosco propôs que ouvissem inicialmente a fita a ele descrita como *memorial*, “Talvez ela possa nos ajudar a iluminar o sentido das conversas”, disse ele.

Ligaram o gravador.

“Córsega, dezembro de 1989. Talvez eu devesse ter iniciado este diário meses atrás. Mas não sei ainda o que devo gravar aqui. Somente agora, dois meses depois de ter chegado à Córsega, é que eu consigo organizar mentalmente essas minhas investigações, agora que parecem estar chegando ao fim. Essas anotações sonoras sobre minhas suspeitas iniciais são pra, ainda que como rascunho, dar organização a essa reportagem. Então vamos lá: há três anos que ouvi falar pela

primeira vez das histórias de pessoas que contavam que JK não tinha morrido, mas demorei bastante a dar algum crédito a isso. Só quando conheci Solange e ela me contou. Nela eu acreditei”.

Bosco riu.

“De que se trata isto?”, perguntou Delon.

“Ele está apenas rememorando loucuras, senhor”.

“No entanto, já faz quase quatro meses que estou viajando, investigando essa idéia maluca que de repente me parecia tão óbvia. Agora já nem sei por que de repente acreditei tanto nessa história maluca... Sei que, depois de algum tempo procurando emprego nos jornais e revistas, acabei por juntar algum dinheiro com bicos diversos e consegui convencer minha família a me apoiar nessa investigação. Faz mais de três meses que saí do Brasil. Passei dois meses em Paris e Marselha fazendo pesquisas e já não tenho dúvida de que Juscelino passou pelas duas cidades quando fugiu. Encontrei o consultório em que fez uma operação plástica. O cirurgião morreu há três anos, mas eu conversei com a secretária do lugar. Imagino que o homem que procuro hoje tenha um rosto mais fino, mais magro, e um nariz menor do que antes da operação. Encontrei o homem que lhe vendeu um falso passaporte, um húngaro, ex-agente soviético, que insistia em falar comigo num português sofrível e me arrancou dois mil dólares para contar o novo nome do homem que eu procurava: João César Miranda, português que em 1976 viajou para a Córsega. Era a pista que eu queria, mas mais tarde eu descobri que este português não saiu mais da ilha, onde teria morrido de infarto, em 1977, num restaurante em Ajaccio”.

O inspetor Delon novamente interrompeu a audição da fita.

“Caro senhor secretário, o senhor tem o dever de me informar o que esta fita está relatando!”.

“Caro amigo, não se irrite comigo. Até o momento, ainda estou surpreso com as loucuras que este rapaz disse”.

“Mas de que se trata?”.

“Trata-se, meu amigo, de uma investigação em busca de uma pessoa que teria morrido em 1976. Nosso narrador, no entanto, parece crer que ele não morreu em 1976, e sim em 1977. O senhor me entende? Isto não faz sentido!”.

“Suponho, então, que o mais conveniente é dar o caso por encerrado e arquivar este material?”.

“Acredito que sim. Mas quero levar estas fitas para a embaixada”.

“Estou desolado, mas não será possível. Estas fitas pertencem à polícia francesa”.

“Meu amigo, estas fitas pertencem, ou pertenciam, a um brasileiro, e creio que o mais conveniente é que eu as leve para que sejam entregues à sua família”.

“Perdão, meu senhor. Estas fitas foram autuadas pela polícia francesa numa investigação, e não poderão ser entregues até que o promotor decida pelo arquivamento e autorize expressamente sua liberação após examiná-las”.

“Mas, senhor, o senhor acaba de dizer que irá arquivar o caso!”.

“Eu posso arquivar o caso, mas não posso lhe entregar as fitas, senhor secretário. E o promotor possivelmente irá investigar por conta própria para saber por que estas fitas devem ser liberadas”.

“Podemos então continuar a ouvi-las? Quero entender melhor do que se trata, mesmo que não veja sentido nesta investigação”.

“Caro senhor, se não há sentido na investigação...”.

“Mas vejamos, meu amigo, mesmo as histórias dos loucos podem fazer sentido”.

“Se não há crime, não há investigação”.

“Mas quem lhe disse que não há crime?”.

“O senhor”.

“Pois se o senhor não pode me liberar estas fitas, eu tampouco posso lhe afirmar qualquer coisa enquanto não souber o que há nestas gravações”.

E voltaram à audição das fitas.

“Mas acabei descobrindo que quem morreu foi este nome, João César Miranda. Não tinha registro de funeral, ninguém reclamou o corpo, nem sequer foi enterrado como indigente. O corpo desapareceu, sem deixar sinais, se é que existiu. Há cerca de um mês, encontrei uma ex-legista do lugar, que me contou nunca ter visto o corpo deste senhor português. Com mais um pouco de dinheiro, acabei descobrindo que o chefe dela entregou o atestado para um senhor francês, da Bretanha, chamado Jean-François Brisseau, e que este senhor morava em Porto Vecchio, no sudeste da Córsega. A coisa ficou mais complicada quando eu cheguei aqui e descobri que não havia qualquer francês chamado Jean-François Brisseau. Isso me tomou quase um mês. Mas a história da legista faria sentido se eu acreditasse na semelhança de datas e descrições entre este senhor bretão e um argentino de meia-idade, chamado Juan Carlos, que vários camponeses me contaram ter ido morar desde aquele ano num terreno perto da praia de Palombaggia. E aqui estou... Falando sem parar... Já nem sei mais o que estou dizendo... É impressionante como essa história pode ser verdade, de tão romanesca, parece, isso sim, uma história própria do romantismo numa época em que isso não faz o menor sentido... Um ex-presidente que simula sua própria morte para não ser assassinado e nunca mais é visto, quem acreditaria nisso?... Ainda tenho a mesma grande dúvida de quando ouvia as histórias da Solange: por que ele não reapareceu? O que terá acontecido com Juscelino? As últimas testemunhas que encontrei que diziam ter visto JK contavam histórias de 1978. Por que não reapareceu, durante a anistia ou depois? Por que ele preferiu viver escondido? Essa é a primeira pergunta que eu quero fazer quando encontrar com ele”.

Um silêncio tomou o lugar da voz por alguns instantes. O policial encarou Bosco e levantou-se de onde estava sentado quando ouviu o som de interrupção da gravação – em seguida moveu-se lentamente até o aparelho e fez menção de parar a fita.

A gravação, no entanto, logo foi retomada e ainda se ouviu:

“A entrevista hoje não deu certo”.

Delon desligou o aparelho.

“Meu caro amigo, eu creio que esta é uma boa hora para você me explicar em detalhes o que há nestes registros. Peça-lhe que me conte quem foi esse homem que nosso infeliz amigo pretendia encontrar”.

Bosco moveu a cabeça sinalizando que concordava.

“Vamos pegar um pouco mais de café”.

\*\*\*

Jorge ficara em silêncio por alguns instantes com o gravador à mão antes de desligá-lo. Depois de chegar na casa do senhor Juan Carlos, em Palombaggia, perguntou a dois serventes da casa onde estava o patrão. Disseram-lhe que estava no quarto, com a enfermeira, madame Juliette Lébrun. Chamaram-na e Jorge pediu para falar com Juan Carlos e se ele poderia ir vê-lo na sala.

“Na sala será impossível, caro senhor. A esta hora o senhor Juan já se recolheu a seu quarto e de lá não irá sair até amanhã”.

“Pergunte-lhe então se posso falar com ele em seu quarto”.

“Sobre que assunto o senhor deseja falar?”.

“Diga-lhe que procuro um homem que ele conhece, que se chama Juscelino”.

“Pardon... Gilles Seline?”.

“Não, minha senhora. Jús-cê-li-nô”.

“Jous-ce-li-nô... Está bem... Perdoe-me, mas qual é seu nome? Senhor Lobo... Sim, eu lhe peço que me aguarde um instante”.

Assim que ela se afastou, ele voltou a se aproximar dos serventes.

“Meus amigos, lhes parece que minha presença incomoda de alguma maneira?”.

“De forma alguma, meu senhor. Mas o senhor Juan não irá sentar à cadeira de rodas a esta hora. O senhor só falará com ele caso lhe permita ir a seu quarto”.

“Por que ele usa cadeira de rodas? Algum acidente?”.

“Não senhor, é por causa do derrame que ele teve anos atrás”.

Madame Lébrun voltou e pediu que Jorge a acompanhasse. Ele entrou na casa, passou rapidamente pela varanda arejada e pela sala, onde se viam dois sofás e uma grande poltrona, antes de se dirigir ao quarto principal. Era um quarto bastante grande e escuro, com paredes altas e um largo armário embutido na parte frontal à porta de entrada. Ao centro, uma cama grande e um abajur à direita – ao lado dela, uma cadeira de rodas, como haviam mencionado os serventes.

O velho estava deitado na cama, sentado e encarando Jorge de forma até agressiva.

“Quem é o senhor?”, perguntou ele, com uma voz fina e trêmula.

“Eu me chamo...”.

“E o que deseja de mim?”.

“Me chamo Jorge Lobo, senhor presidente”.

Jorge percebeu que o velho parecia furioso em seu silêncio. Ele mantinha o mesmo rictus facial.

*“Qui êtes-vous? Qu’est-ce que voulez-vous ici?”.*

“Senhor presidente, eu lhe juro que não quero seu mal”.

Ele aparentava fazer um grande esforço para falar.

“O que você quer de mim?”.

“Senhor presidente, eu quero apenas falar com o senhor”.

O velho silenciou por instantes – não movia em momento algum os músculos do lado direito do seu rosto, de uma tal forma que o lábio inferior não encostava completamente no superior, mantendo constantemente uma espécie de sorriso. Os olhos estavam pequenos e as rugas puxadas, como aparentam ser os rostos que sofreram muitas operações plásticas.

Jorge tirou o gravador da bolsa que carregava.

“Senhor, eu quero apenas fazer uma entrevista. Prometo que não irei revelar onde o senhor se esconde”.

“Vá embora, rapaz. Eu não sou ninguém, eu estou morto!”.

Jorge acionou o gravador.

“Presidente, eu estou gravando”.

“Não! Eu não lhe autorizei a gravar nada, desligue isso!”.

“Senhor presidente...”.

“Desligue ou eu não falo nada!... Juliette!”.

“Está bem, senhor”.

“Juliette, s’il vous plaît, aidez-moi!”.

Jorge desligou o gravador antes que Madame Lébrun entrasse na sala.

“Pronto, senhor”.

“Donnez-moi ça, monsieur!”.

“Não senhor”.

“Juliette!”.

“Oui, monsieur?”, disse a enfermeira.

“Senhor, este é meu material de trabalho. Mais importante do que ele é o que eu sei. Eu não quero o seu mal, quero apenas conversar um pouco”.

O velho permaneceu por alguns instantes em silêncio.

“Vá embora! Imediatamente! Partez! Juliette, montrez le chemin au monsieur, s’il vous plaît”.

“Senhor... eu não pretendo contar a ninguém. Mas não se preocupe, os militares já foram embora”.

“Partez!”.

“Senhor, eu quero o seu bem”.

Jorge foi embora.

No hotel, já mais à noite, acabara de acionar o gravador quando bateram-lhe à porta. Era um dos serventes, que vinha lhe dizer para voltar à casa no dia seguinte, pois o senhor Juan Carlos desejava vê-lo. Jorge disse-lhe que aceitava o convite e, poucos instantes depois, voltou ao gravador.

\*\*\*

“Tentarei lhe explicar de forma clara e rápida, meu amigo. O homem que este jovem repórter falecido pretendia encontrar morreu em 1976, também num desastre de automóvel, numa rodovia brasileira. Este homem foi presidente do Brasil entre 1955 e 1960 – antes já havia sido prefeito da sua cidade e governador. Ele pretendia candidatar-se novamente em 1965, mas precisou mudar seus planos depois que houve a mudança de governo, em 1964. Foi parlamentar por um curto período e teve seu mandato cassado pelo novo governo”.

“Ele foi considerado um bom presidente?”.

“Por muitos brasileiros sim... foi um período de muito crescimento econômico, muitas pessoas têm boas lembranças do seu governo por esta razão. Mas durante o seu período o país se endividou muito, e houve muitas denúncias de corrupção”.

“Por que foi cassado?”.

“Porque era conhecido pela população, por corrupção, agitação, ou qualquer outra razão que estivesse disponível”.

“E ele tinha chance de ser novamente eleito?”.

“Talvez... mas quem poderia fazer afirmações sobre um futuro que não aconteceu, meu amigo?”.

Delon ficou alguns instantes em silêncio.

“E de onde veio esta idéia rocambolesca de que ele teria encenado a própria morte?”.

“Veja bem, meu amigo... De fato, naqueles anos meu país sofreu de uma terrível doença, o terrorismo”.

“De esquerdistas?”.

“Não somente... de fato, isso vinha de ambos os lados. E Juscelino morreu logo em seguida a dois dos mais conhecidos políticos do período anterior ao golpe de estado. Muitas pessoas ligavam os fatos em teses de conspiração”.

“Como foi o seu acidente?”.

“Este é o ponto mais curioso. Juscelino morreu numa viagem de carro entre as duas maiores cidades do país. Ele havia sumido horas antes do acidente, e

houve testemunhas que relataram que o acidente teria sido provocado por um segundo carro, que teria fugido depois de jogar para fora da pista o carro onde ele estava. Daí surgiram as teses conspiratórias”.

“Mas se ele foi morto, seu corpo encontrado e enterrado, como este jovem podia acreditar que iria encontrá-lo vivo em algum ponto do planeta?”.

“É este o problema, meu amigo. O corpo foi destruído pelo acidente. O cadáver foi identificado apenas por seus documentos pessoais”.

“Então não puderam identificar seu corpo?”.

“Na verdade não totalmente... mas encontraram seus documentos, e a família reconheceu sua morte”.

“E estavam assassinando outros políticos na época?”.

“Não há provas... apenas lhe disse que corriam boatos na época sobre o assunto”.

“Então ele ainda pode estar vivo?”.

“Meu senhor, isto é apenas uma hipótese delirante”.

“E as fitas?”.

“Não há nada nelas além de uma conversa entre um velho e um garoto e provavelmente alguns delírios deste último”.

Delon hesitou alguns segundos. Depois apanhou o telefone e comunicou-se com um colega.

“Por favor, eu preciso saber quando o senhor Jorge Lobo, envolvido no acidente de hoje, partiu da Córsega. Preciso também que algum policial de lá vá investigar um senhor chamado Juan Carlos, que mora em Porto Vecchio, perto de Palombaggia. Preciso que tomem o testemunho deste senhor Juan Carlos e que examinem rigorosamente os seus documentos. Eu ficarei na espera por uma resposta e lhes agradeço pela atenção. Obrigado”.

Em seguida, voltou-se novamente para Bosco.

“Vamos escutar o resto das fitas, senhor Bosco?”.

Voltaram ao aparelho de som.

“A entrevista hoje não deu certo, mas o dia foi de vitórias. Hoje encontrei JK e conversei com ele. Na verdade não conversamos, mas pelo menos já sei que ele está vivo. Amanhã vou voltar lá e espero que dê tudo certo. Um empregado da casa já veio me chamar para voltar lá amanhã. Eu só preciso convencer ele de que não vou fazer mal nenhum, e tudo vai dar certo... ele mora numa casa perto de uma praia, com dois empregados e uma enfermeira. Ele precisa da enfermeira porque teve um derrame e anda de cadeira de rodas. Acho que ele também não consegue mover parte do corpo. Ele fala de um jeito muito estranho, pra ser sincero ele é muito estranho”.

Por alguns instantes o silêncio se manteve, e Delon fez menção de interromper a fita.

“Amanhã eu falo mais. Ou não, ou amanhã começo a escrever”.

Um som de final de gravação se seguiu, e depois um som de início. Bosco fez sinal para que Delon esperasse.

“Eu nem sei ainda por que vou gravar mais disso. O Juscelino acabou de morrer”.

Delon interrompeu a fita, e Bosco se manifestou.

“Não, por favor!”.

“Meu amigo, será que você não poderia me explicar o que este jovem falou?”.

“Ele acabou de dizer que o presidente havia morrido!”.

“Mas ele já não havia morrido antes? Mais uma vez?”.

“Meu amigo, ele havia apenas comentado de sua alegria por ter encontrado seu objeto de investigação. É agora que ele parece nos contar o mais importante!”.

“Mas ele não disse nada que possa nos ajudar?”.

“Não! Eu lhe juro!”.

Um tanto a contragosto, Delon acionou novamente o aparelho.

“O presidente Juscelino morreu faz alguns minutos, depois de um mal-estar repentino. Eu consegui conversar com ele, consegui encontrá-lo, e agora nada vai acontecer. A notícia já não vale mais nada, minha matéria vai ser apenas

uma curiosidade bizarra. O morto que não morreu enfim está morto. Não há mais chance de levar JK de volta”.

Um longo silêncio se seguiu.

“O que ele está dizendo?”.

“Ele disse que o velho homem morreu após um mal-estar repentino”.

“Isto pode ser mentira dele!”.

“Meu senhor, tudo pode ser mentira dele!”.

“Mas é possível que isso seja uma tentativa de proteger o velho!”.

Bosco fez sinal pedindo silêncio ao policial.

“Eu estou me sentindo um idiota. Por que é que nenhum agente achou esse cara antes de mim? Desde ontem eu já estava achando que estavam me seguindo, mas agora eu tenho certeza. E agora que o homem morreu, eu sirvo pra quê agora? Pra quê que vão me seguir ainda? Eu nem sei se alguém ainda vai ouvir isso, mas, olha, eu tô com medo, tô com medo de ter mostrado o caminho da toca pra onça”.

O silêncio deu lugar por instantes ao barulho da gravação sendo interrompida. Em seguida só havia silêncio na fita.

“E então?”.

“Trata-se de um paranóico, meu amigo... no final de seu depoimento, ele diz que o seu entrevistado, que ele tanto procurou, acabou de morrer e depois fala que estava sendo seguido. Não é preciso ser psicanalista para saber que se trata do discurso de um paranóico”.

“Mas ele de fato morreu, meu amigo”.

“Não vejo ligação entre um fato e outro”.

“Ora, meu amigo, não preciso ser psicanalista para notar que você raciocina como diplomata... Eu raciocino como um policial: se o rapaz tinha medo de estar sendo seguido e ele morre logo depois, eu vejo sim uma possível ligação entre os fatos”.

“Ora, meu amigo!”.

“Não sei... eu preciso pensar em todas as hipóteses... no final, a que restar, por mais improvável que seja”.

“Conan Doyle, mais uma vez”.

“Sim, Conan Doyle. Mas de fato estamos perdendo nosso caso aqui. Agora, ao que parece, o senhor Juan está morto e nós não temos mais testemunhas para nos contar o que aconteceu com o jovem atropelado. Vamos ao menos escutar o final da fita de entrevistas?”.

Diante do silêncio do brasileiro, o inspetor trocou de fita e reiniciou o aparelho de som.

“Vamos lá, vamos tentar de novo... Córsega, 3 de dezembro de 1989, entrevista com o presidente JK... podemos ir, senhor?”

\*\*\*

No dia seguinte, Jorge voltara à casa de Palombaggia logo depois do café da manhã. Chegando ao terreno, novamente pediu para um dos serventes chamar Madame Lébrun, como no dia anterior. Madame Lébrun veio.

“Queira me acompanhar, senhor, por favor”.

Levou-o à varanda da casa, do lado oposto ao da porta de entrada. O velho estava sentado tomando sol numa poltrona azul, com óculos escuros e um boné escondendo os cabelos brancos.

“Bom dia, senhor Lobo... Gostou da casa da vovozinha? Como foi a travessia do bosque?”.

“Bom dia, senhor presidente”.

“Por favor, senhor Lobo, não me chame desta maneira!”.

“Certo... como o senhor prefere? JK?”.

“Chame-me apenas de senhor, por favor. Se precisar, refira-se a mim como J. Carlos”.

“Sim, senhor”.

“Você sabe quem foi J. Carlos?”.

“Não... mas conheço a rua, no Jardim Botânico”.

“A rua, sim, exatamente... J. Carlos foi um caricaturista, desses dos jornais, foi um terrível cartunista... você conhece a história do Brasil?”.

“Não sei, senhor. Acho que sim, um pouco, mas não muito”.

“Como você me encontrou, rapaz? Como foi que o lobo atravessou o bosque?”.

“Na verdade, conheci uma pessoa que o reconheceu quando o senhor estava em Marselha, vindo para a Córsega”.

“Não importa, isso não interessa, na verdade”.

“E o senhor sabe o que aconteceu com o Brasil nos últimos anos?”.

“Não, não sei de nada”.

“Não sabe quem é o atual presidente do país? Estamos no meio de uma eleição para presidente, a primeira em quase trinta anos”.

O velho permaneceu em silêncio.

“O senhor realmente não sabia disso?”.

“Sim, rapaz, eu fico sabendo de alguma coisa. Meus empregados me trazem eventualmente as edições dominicais do Le Monde. É meu único meio de informação, atualmente... Mas vão fazer uma eleição, é? Que bom... eleição é uma coisa muito boa, faz bem para o povo”.

“Senhor, incomoda-se se eu gravar a nossa conversa?”.

O velho novamente se calou.

“Vou dar início à gravação, está bem?”.

Jorge acionou o gravador.

“Vamos lá, vamos tentar de novo... Córsega, 3 de dezembro de 1989, entrevista com o presidente JK... podemos ir, senhor?... Pois bem, vamos lá... Senhor, há quanto tempo o senhor está refugiado aqui?”.

“Ahn? De quoi parlez-vous, monsieur?”.

“Senhor presidente...”.

“Pois bem, se é isso que quer saber, vim morar nesta ilha em 1976, jovem. E nada mais temos a conversar, está bem?”.

“Senhor presidente, se o senhor quiser, eu posso desligar o gravador”.

“Não, quero que vá embora daqui!”.

“Senhor...”.

Jorge desligou o gravador.

Dias depois, Bosco externou ao inspetor seu desapontamento com aquela interrupção.

“Senhor, eu desliguei o gravador... vamos conversar?”.

O velho falou de forma pausada.

“Desculpe-me, meu jovem... São besteiras de um velho homem, peço que me compreenda. Mas pode ligar seu aparelho, eu não me incomodo com a gravação da nossa conversa. Nem tenho mais por que me incomodar. Eu estou morto, rapaz”.

Jorge ligou novamente o gravador.

“Senhor, por que o senhor desapareceu? Acreditava que poderiam assassiná-lo?”.

“Meu jovem, por que você me faz perguntas cujas respostas já conhece?”.

“Me desculpe... o senhor me disse que lê regularmente o jornal Le Monde”.

“Regularmente não, eventualmente... uma vez por mês, digamos”.

“E o senhor acompanha as notícias sobre o Brasil? Sabe o que está acontecendo no seu país?”.

“Meu jovem, desculpe eu me repetir, mas eu não tenho país. Meu tempo passou, eu já estou morto”.

“Senhor...”.

“Está bem... Olhe, a última coisa que acompanhei com atenção foi a morte do Tancredo. Meu Deus, o que foi aquilo?”.

“O senhor acredita em quê?”.

“Eu não acredito em nada, rapaz. Mas que coisa terrível, o pobre homem falecer às vésperas de tomar posse... É uma história muito sofrida a desse povo, sabe?”.

“E desde então? O senhor sabe o que se passou com o país? Quem o presidiu?”.

“Sim, eu sei. Nem precisa me dizer o nome desse idiota”.

“O senhor não gosta dele?”.

“É um imbecil, um medíocre, uma figura mesquinha. Sempre foi assim e não vai mudar. Era assim enquanto fez oposição e continuou assim depois que passou ao governo”.

“Ele fazia parte da oposição ao seu governo, não é?”.

“Sim, rapaz, ele e aqueles medíocres da UDN... Banda de música!”

A fita terminou. Jorge trocou de lado às pressas e voltou a acionar o gravador, mas o velho continuou a falar no seu ritmo lento.

“Eram uns infelizes, isso que eles eram. Os mais espertos depois aprenderam o caminho doce do poder. Os outros, esses foram uns infelizes a vida toda. O Lacerda, por exemplo, podia ter sido um homem de estatura muito maior do que teve... ele sempre quis isso, mas nunca conseguiu, e por quê? Porque era um medíocre, pensava pequeno, pensava apenas em conquistar o poder no dia seguinte. O poder pelo poder... O poder pelo poder, meu jovem, não serve para nada, só envelhece a quem o tem... o tempo passa e depois não lhes sobra nada para se lembrar. É isso que estes idiotas não enxergam. E eles serviram para quê? Para eleger o Jânio Quadros”.

“O que o senhor teria a dizer hoje para os brasileiros?”.

“Essa é uma pergunta idiota. Diga-lhes que morri. Próxima?”.

“O senhor sabe como foram os últimos anos do governo Sarney?”.

“Meu jovem, por favor, respeite os pedidos desse velho”.

“Mas o senhor sabe?”.

“Muito pouco, sendo-lhe sincero. Soube do caso desse plano econômico para conter a inflação... você sabe que eles ainda dizem que a culpa é minha, não sabe? Depois de trinta anos, a culpa da inflação é minha!”.

“O que o senhor achou do Cruzado e de todos estes planos econômicos?”.

“Meu jovem, veja bem... Olhe, eu simpatizei com o rapaz que foi ministro e lançou o plano, como ele se chama?”.

“Funaro?”.

“Esse, esse mesmo... simpatizava com ele... mas todo governo tem certas figuras que parecem acreditar que um país deve ser governado através de um manual de regrinhas... Um país não é feito de máquinas, é feito de gente... Não é com regras que se comanda um país, é com objetivos. A melhor maneira de tornar um povo feliz e produtivo é com confiança, é fazendo as pessoas acreditarem na sua própria capacidade. Mas o que você quer de mim, afinal? Um discurso para o futuro? Eu não tenho mais idade para isso, meu jovem. Meu tempo já foi embora”.

“O senhor sabe algo das eleições atuais?”.

“Não... eu lhe disse que lia eventualmente... minha enfermeira não gosta que eu leia coisas que me preocupem... ordens do médico”.

“Amanhã irá se realizar o segundo turno das eleições”.

“Então enfim conseguiram implantar o segundo turno... São uns infelizes mesmo... E quem são os candidatos? Algum do meu tempo?”.

“Leonel Brizola concorreu no primeiro turno, mas ficou em terceiro lugar e está fora”.

“Leonel Brizola! Este homem não vai morrer nunca! Se não morreu agora, não vai morrer mais... Desde 1960 que ele sonhava com essa eleição. Deve ter sido uma dor tremenda para ele”.

“Há mais um conhecido seu que voltou ao poder. Jânio Quadros elegeu-se prefeito de São Paulo”.

“Você está falando sério?”.

O repórter confirmou.

“O que o senhor acha disso?”.

O velho moveu os olhos, com seu rosto retorcido, mas não respondeu. O silêncio manteve-se por alguns momentos. Jorge olhava para o velho, que permanecia calado, com os olhos perdendo-se no panorama da varanda, onde era possível ver parte da mata e toda a praia de Palombaggia.

“E quem são os dois concorrentes agora? À presidência, quero dizer?”.

“O líder das pesquisas é um ex-governador de Alagoas, Collor de Melo”.

“Parente de alguém?”.

“De um ex-governador, Arnon de Melo”.

“O Arnon! Meu Deus, e deixaram o filho dele se candidatar? Deve ser uma criança ainda!”.

“Ele é bastante jovem sim, e o outro candidato também”.

“Quem é?”.

“É um ex-líder sindical, é conhecido como Lula”.

“O Lula! Eu li sobre ele nos jornais anos atrás, na época daquelas greves. Mas ele é bem de esquerda, não é? Ou já deixou de ser? Ele tem chances?”.

“Não sei”.

“E quem você prefere?”.

“O Lula, senhor. O Collor não parece ser um homem de bom caráter”.

“O pai dele já era um homem terrível... E o outro é melhor?”.

“Parece, pelo menos... Não sei é se irão deixar ele governar, se vencer”.

“É um esquerdista, não é? Essa gente que não sabe ceder é terrível”.

“O senhor teme que ele vire um novo Jango?”.

“Eu? Eu não falei nada, rapaz! Quem está me contando as coisas é você... Mas se ele foi sindicalista vai saber negociar. Todo mundo aprende. O caso do Jango foi outro”.

“O senhor pretendia continuar seu trabalho, não é?”.

“Quem está vivo sempre quer continuar a trabalhar, rapaz... Mas agora não quero mais, agora eu já morri”.

“O senhor se arrepende de algo que fez? Ou de ter deixado de fazer algo?”.

“Rapaz, eu não tenho mais tempo para isso, nem preciso”.

“Mas enquadrar os militares, por exemplo? O senhor não acha que faltou disciplina? Para impedir esses casos terroristas, por exemplo?”.

“Isso não foi no meu tempo, rapaz! Vá reclamar com outro fantasma, vá reclamar com o Jânio ou com João Goulart!”.

“Mas o senhor também lidou com revoltas militares no seu governo, não?”.

O velho começou a ofegar.

“Rapaz, nem sempre é hora de usar a espada! Se as pessoas no Brasil tivessem escolhido o caminho da conciliação e não do confronto, as coisas teriam sido diferentes. O que mais eu poderia ter feito?”.

“O senhor acha que foi injustiçado?”.

“Eu preferia que tivessem me matado logo! Feito fizeram com o Allende, aquilo sim foi um golpe de estado de verdade, não foi uma patuscada! O homem ficou até o final no palácio e no final o assassinaram. Comigo eles perderam a hora, era melhor ter me matado de imediato... Onde já se viu, chamar um ex-presidente para depor em quartéis? Juliette!”.

“Calma, senhor, por favor”.

O velho seguiu chamando a enfermeira, com o rosto bastante vermelho.

“Eu preferia ter sido morto em Paris, era isso que deveriam ter feito! Mas não... Os imbecis acreditavam que estavam certos! Achavam era certo, que estavam salvando a democracia... Juliette, *s’il vous plaît!*... Como pode isso? Um ser humano achar que um golpe de estado pode salvar a democracia? Agora enterraram o país nesse buraco de onde ele não sai mais, com esse bando de idiotas, incompetentes...”.

“Senhor presidente!”, disse Jorge, e desligou o gravador.

\*\*\*

Bosco permaneceu em silêncio.

“O que o senhor disse que acontecerá com estas fitas?”.

“Elas serão remetidas ao promotor junto com a avaliação de caso, e o promotor decidirá o que fazer, se vai abrir novas investigações, se devolve o material ou se apenas cuida de arquivá-lo”.

“E qual é a hipótese mais provável?”.

“O arquivo... a menos que...”.

“A menos que?”.

“A menos que eu resolva abrir o caso e encontrar um suspeito para ser acusado, e aí ele dificilmente arquivará o caso... Ou, também, a menos que a embaixada brasileira peça o material para torná-lo público por qualquer razão. Nesse caso ele provavelmente liberará o material ao invés de arquivá-lo”.

\*\*\*

Quando a enfermeira enfim chegou à varanda, o velho não conseguia mais falar – estava arquejando e movia o braço esquerdo sem parar, enquanto Jorge tentava acudi-lo. “*Monsieur!*”, disse ela, e logo pegou seu braço e procurou acalmá-lo. Jorge tratou de ajudá-la e segurou-o enquanto ela pedia calma ao velho. De uma forma admiravelmente rápida, ela preparou uma injeção e aplicou-a no pescoço do velho, que logo perdeu a consciência. “*Monsieur, je vous demande de nous laisser. Maintenant j’irai appeller le médecin, et monsieur Juan doit se reposer*”, pediu ela a Jorge com a autoridade de uma ordem. Depois de perguntar se não poderia ajudar de alguma forma, Jorge voltou ao hotel, no centro de Porto Vecchio.

Algumas horas depois, um dos serventes veio ao seu quarto para lhe avisar da morte do velho. Depois que ficou sozinho, Jorge Lobo deu duas voltas no quarto antes de remexer sua mala e depois chegar à janela. Preparou um baseado, acendeu e fumou enquanto observava a vista da cidade.

Depois ele pegou o gravador, recolocou a fita em que tinha gravado nos dias anteriores e começou a falar:

“Eu nem sei ainda por que vou gravar mais disso. O Juscelino acabou de morrer... O presidente JK morreu há poucos minutos, após um mal-estar repentino. Eu consegui conversar com ele, consegui encontrá-lo, e agora nada vai acontecer”.

\*\*\*

Bosco olhava para o chão por alguns instantes, antes de responder:

“Mas não há acusação, correto? Há algum suspeito?”.

“Na fita ele menciona que estava sendo seguido. O velho morreu e depois ele não sobreviveu a uma batida de automóveis, quase como uma repetição paródica à história da fuga do seu ex-presidente. E o senhor havia mencionado a existência de grupos terroristas. Podemos investigar esta possibilidade, interrogar alguns brasileiros que estão na cidade”.

“Meu amigo, não há evidências de que esta história seja verdade. Tudo que temos são conjecturas improváveis. Até o momento, o que se sabe é que JK morreu há treze anos, que não há mais grupos terroristas no Brasil e que este jovem sofreu um acidente. A embaixada brasileira não reconhece nenhum fato além destes”.

Delon respondeu de forma bastante pausada:

“Está certo. E a embaixada brasileira não tem interesse em divulgar o material gravado nestas fitas?”.

“Não vejo razão para tal. Se a família eventualmente mostrar interesse, podemos nos manifestar”.

Pierre Delon manteve-se em silêncio. Pegou o maço, acendeu um cigarro e levantou-se da cadeira, caminhando enquanto tragava.

“E então?”, perguntou Bosco.

“Está certo, eu irei propor o arquivamento do caso”.

Depois que se despediram e Fernando Bosco foi embora, Delon ainda permaneceu alguns minutos na sala. Terminou seu cigarro e voltou a escutar por instantes o início de uma das fitas:

“Presidente, eu estou gravando”.

“Não! Eu não lhe autorizei a gravar nada, desligue isso!”.

“Senhor presidente...”.

“Desligue ou eu não falo nada!... Juliette!”.

Delon desligou o som, pôs as fitas num envelope, anotou alguma coisa e guardou-o numa gaveta da sua escrivaninha. Mais tarde preencheu todos os formulários e arquivou o caso, conforme dissera. Nos dias seguintes chegou a falar em três ocasiões com amigos sobre o caso, gerando conversas de alguns minutos sobre a política destes países latino-americanos em meio aos almoços dos seus colegas inspetores de polícia.

Ao sair da delegacia, Fernando Bosco olhou diversas vezes para os lados, em meio ao caos do final da tarde às margens do Sena. No final da tarde de um domingo, três semanas depois do encontro com Pierre Delon, seu corpo foi encontrado por sua esposa na cozinha de sua casa com duas balas na cabeça, num caso de aparente latrocínio que a polícia francesa não soube elucidar.